

Stadium

N.º 381 ★ 22-MARÇO-1950 ★ 2\$50



**BENFICA BATE
ESTORIL POR 2-1 E
CONSOLIDA A SUA
POSIÇÃO DE NOVO
CAMPEÃO NACIONAL**
— Julio, num pulo, fez-se
à bola, mas Sebastião
executa a defesa por
alto, habilmente.
Bela jogada!

BENFICA APODEROU-SE DEFINITIVAMENTE DO TITULO

Belenenses venceu porque Sporting não soube ganhar...

Problema a solucionar — o 3.º posto
Questão angustiosa — 12.º e 13.º lugares

Crónica de TAVARES DA SILVA

O que ameaçava ser escuro e decidir-se apenas no Estádio Nacional — o título de campeão nacional de 1949-50 — já se deve considerar caso arduo. O Benfica, neste momento, 22.ª jornada, faltando somente quatro degraus para subir ao trono e sentar-se no cedeiral da grande cerimónia, conseguiu a vantagem de oito pontos sobre o chamado *segundo*, o seu velho e eterno rival, e só por brincadeira se poderá julgar que ele possa cair e sucumbir. Só fazendo contas absurdas tal se concluirá.

E a verdade, sem mais adornos, é que o Benfica merece a distinção, por todos os motivos e mais um. Rondando o título há épocas, estas passavam sem que ele o conseguisse captar. Mas superior a toda esta ordem de considerações, temos a forma como os benficanos correram para o título nesta fase decisiva da competição.

Quando a luta estava indecisa e o problema longe de solução, o Benfica reagiu à sua maneira — a caracteristica maneira do Benfica! — e a cada obstáculo que se lhe apresentava respondia o *team* com a força de vontade, o ânimo e a tenacidade próprias dos campeões. Pelo contrário, no período agudo, o Sporting sucumbiu, e, acrescentaremos,

um pouco estranhamente. Porque a verdade, sem nenhum artifício, é que os *leões* tinham grupo, pelo menos, para tornar muito mais difícil a vitória do Benfica, daqui adiante etapa triunfal sob camadas de rosas.

Cada problema em que participou o Benfica foi resolvido da forma mais satisfatória, mesmo brilhantíssima. De Coimbra ao Estoril há um caminho que é ao mesmo tempo afirmação de uma grande força clubista.

Estamos em crer, não nos importando que o juízo pareça arrojado, que o Benfica já estava verdadeiramente vencedor antes de pôr o pé no campo da Amoreira. A uma equipa, que se considera na posse do título, construindo triunfos não se barra o caminho facilmente. Certamente, o Estoril tornou a vida muito difícil ao seu antagonista — a isso o obrigava a desagradável posição que ocupa na tabela — mas acabou por ceder o passo e deixar o contendor passar adiante.

Os incidentes de uma partida são variáveis, e geralmente, o resultado pode ser observado por vários ângulos, dizendo-se que um clube teve a possibilidade de fazer melhor, ou ainda que a sorte não o protegeu, etc., etc. Parece-nos não haver grandes motivos para afirmar senão a verdade de

que o Benfica mereceu o triunfo.

Mostrou-se grupo com mais capacidade, mais apto, impondo a sua força de querer. Talvez que essa capacidade não tivesse suficientemente expressão prática. Mas isso nada tem que ver com a sua existência.

Os dois adversários fizeram uma luta digna. O Estoril procurou surpreender o Benfica com um tema já estafado — que é o dos «4 avançados em linha» — mas essa orientação parece-nos demasiadamente ingénua, porque todos os agrupamentos estão prevenidos contra ela. Que se fosse buscar uma tática ousada, mesmo inédita, vá que não vá. De resto, todas as táticas são boas quando resultam, o que só acontece quando se dispõe de unidades capazes de lhe darem execução. Com este critério, o Estoril só conseguiu dar menos rendimento que o habitualmente. Perdeu uma unidade na linha da frente e diminuiu o poder ofensivo. Por fortuna, exceptuando o *deanteiro atrasado*, os outros jogaram com plena consciência, atingindo Vieira grande brilhantismo. Caso contrário, a colocação das peças do ataque estoril, como a estamos a ver e a sentir no nossa inteligência, poderia ter conduzido a resultado mais funesto.

O Benfica, na visão de conjunto, actuou como melhor grupo: todo ao ataque, e todo à defesa; o que não quer dizer que todas as peças estivessem afinadas. A defesa revelou coesão e segurança muito apreciáveis, jogando sem erros e quase sem hesitações. Os médios, principalmente o homem de fibra que se chama Francisco Ferreira, agora em forma máxima, deram um contributo valioso e que está na base do triunfo — provocando a vida tranquila que se vai suceder. Se os extremos, a espaços, provocaram grandes perigos, parece haver o onze *quebrado* pelos interiores. Não é de estranhar o caso em Arsénio. Chamado à última hora para o Grupo Nacional, o choque, deve influir no seu espírito, porquanto um jogador não deixa de ser homem — sujeito a sentimentos e a reflexões. Felix subiu também ao primeiro plano.

O Benfica venceu no Estoril, e o resultado do Lumiar, de que, aliás, já não precisava para pôr a coroa de glória na sua cabeça também o favoreceu. E' a lei da própria competição a operar! Certamente

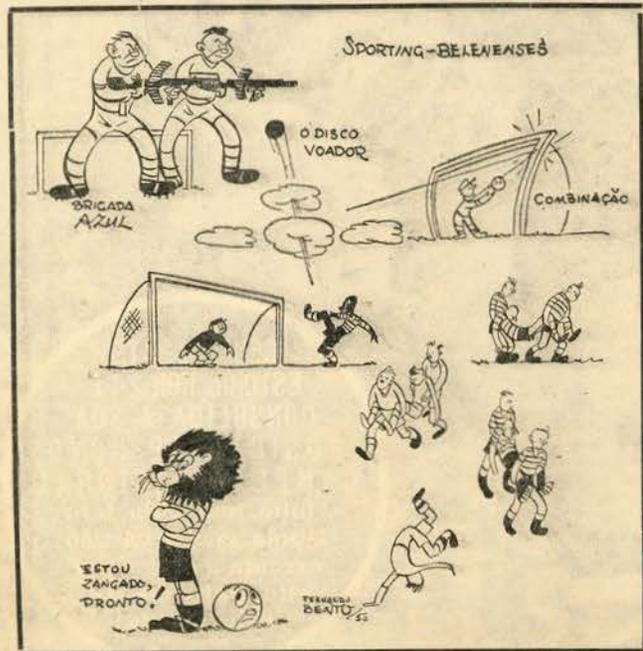
o Sporting esteve alguns furos acima do Belenenses, mas não atingiu a craveira suficiente para que se possa dizer, conscientemente, que devia ter ganho. Isto é, que a derrota nos surge sob as vestes da injustiça.

Seríamos contra a nossa consciência se não dissessemos — e submetem-nos não bom grado, mas por necessidade imperiosa de espírito, à parcialidade de quem pretende ver no que escrevemos outras intenções que não sejam servir o jogo com inteira sinceridade e dedicação! — que o Belenenses não nos deixou boa impressão, parecendo-nos ter progredido bem pouco. Se o Belenenses não tem ganho, talvez que a afirmação não tivesse grande valia. Assim, o caso é diferente.

A estrutura do grupo apresenta grandes deficiências: — a mescla não resulta. A homens que se encontram, indubitavelmente, em boa condição física — o que já significa alguma coisa! — era lícito exigir-lhe mais capacidade no aspecto técnico. Ora, todo o jogo belenense — excepção para uns poucos trechos do primeiro tempo! — assentou na base defensiva. Foram os elementos do bloco defensivo que ganharam o encontro, protegendo a bola solitária de Bravo obtida numa geometria caracteristica do golo.

Os deanteiros belenses não só não construíram, principalmente no segundo tempo, como dificultaram a acção da sua própria defesa, misturando-se na área concentrada dos perigos. Essa orientação valeu-lhes a vitória — quando as coisas correm bem entendem alguns que nada há a dizer, mas é precisamente destes pontos, quando errados, que

(Continua na pág. 11)



Série II — Ano VIII — N.º 381
Lisboa, 22 de Março de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.
Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

II DIVISÃO

PRINCIPIOU A ÚLTIMA FASE

BOM RESULTADO DO ORIENTAL

COMEÇOU no domingo a última fase do grande torneio. Mais uma vez os jogadores, vítimas dum regulamento defeituoso e inimigo da lógica, vão ser obrigados a travar uma luta viril, desbaratadora, desgastante. São quatro os grandes heróis deste último passo: Oriental, Boavista, União de Montemor e Académico de Viseu.

O Oriental cheio de sonhos e esperanças, pleno de entusiasmo e de fé, está quase a ver chegada a sua hora. Sabemos que para isso vai trabalhar com excepcional energia. Vontade não falta. Venham as merecidas compensações.

O Boavista, equipa laureada e de tradições, já habituada ao contacto com os grandes, não desiste de voltar ao seu convívio. Tem estrelas que merecem de facto esse nome, e um conjunto afinado e certo. Estes dois grupos, o lisboeta e o portuense, parecem-na realidade os mais apertados, e os que reúnem mais possibilidades de vencer. O União de Montemor e o Académico de Viseu são dois grupos jovens e animosos que começam agora. Este campeonato com todas as suas incertezas, deve proporcionar-lhes um calo de que mais tarde muito beneficiarão. Que não esmoreçam e continuem a trabalhar, com a ideia firme de progredir.

Vejam agora, os jogos da 1.ª jornada da última fase.

Boavista, 4-União de Montemor, 0.

Académico de Viseu, 3-Oriental, 3.

Segundo a crítica, o jogo do Porto foi mal jogado. As duas equipas empregaram como arma principal o entusiasmo, vendo-se com muita frequência a bola no ar, a provocar o natural choque e atropelo. Raras vezes se viu a bola à flor do terreno ser impelida com conta, peso e medida. Pelo que ficou dito, se depreende que o encontro tecnicamente foi pobre e não deixou saudades.

No primeiro tempo o Boavista viu-se embaraçado com a extraordinária velocidade e energia dos visitantes. As equipas acusaram evidente nervosismo, havendo muita precipitação na construção dos lances. Quase no final do primeiro tempo, Barros e Lourenço, alcançaram os dois golos deste período. Depois do intervalo o Boavista fez valer a sua superioridade física e

técnica, invadindo com frequência a grande área dos visitantes. Manuel Joaquim guardião de Montemor, brilhou a grande altura, mas não evitou que Lourenço e Alcino, assinassem com remates de boa factura, os dois restantes golos dos locais.

A partida de Viseu foi um jogo de descarga, cheio de emoção e esgotante. O terreno de jogo, lamacento e pesado, prejudicou notavelmente os jogadores da capital, mais leves e com um tipo de jogo, miudinho e peso.

Os locais principiaram a partida com grande energia, procurando visar as balizas de todos os ângulos. Por isso, o seu primeiro golo surgiu com naturalidade. Então, o Oriental, cresceu e até ao fim do primeiro tempo foi amo e senhor no desenrolar dos acontecimentos. Pina, por duas vezes e Vicente, concretizaram da melhor maneira essa superioridade inofensável.

De facto, nesse período o Oriental desflou toda a gama dos seus recursos, debobinou todo o inexgotável repertório do seu virtuosismo, desnor-teando o público. Na segunda parte, os visitantes lançaram-no com denodo ao ataque, tentando o golo com afinco. Na extrema defesa do Oriental, os laterais fraquejaram muito e o Académico pôde chegar ao merecido empate. Em súmula: jogo enérgico, com poucas primarias técnicas, disputado à base de genica.

Quanto a nomes, podem sa-
Hentar-se os de: Szabo, Isidoro e Pina, na turma orientalista e as de Esteves, Hermínio, Hugo e Ferreira, nos locais.

Os jogos de domingo

Oriental-Boavista — Eis um jogo grande. Na defesa do Boavista, Serafim e A. Calado são figuras preponderantes. Mas no ataque do Oriental, Leitão, França e Pina, têm muitos trunfos. Na avançada dos axadrezados, F. Calado é elemento de tomo. Terá pela frente o experiente e pendular Isidoro. Que sairá deste embate? Sinceramente acreditamos numa vitória do Oriental. E' equipa com personalidade e caminho traçado.

União de Montemor-Académico de Viseu — O factor casaa, em torneio com estas características, tem muita influência. Pese à boa vontade do Grupo de Viseu, os de Montemor devem vencer.

A. J. DE FREITAS

Atletas Portugueses no Campeonato da Europa

A representação portuguesa nos campeonatos europeus de atletismo está desde já assegurada, pois foi superiormente sancionada a concessão de um subsídio de 50 contos pela direcção geral dos desportos à Federação Portuguesa de Atletismo e destinado à preparação e deslocação dos seleccionados.

O programa de preparação apresentado pelo Conselho Técnico foi aprovado, assim como a tabela base de mínimos, esta com três pequenas alterações nos tempos dos 100, 800 e 500 metros.

Nestas condições é de esperar que a T. P. A. passe em breve das palavras aos actos, começando por convocar o congresso para eleição dos corpos gerentes e que devia ter-se reunido já há um ano.

É cedo ainda para falar em prováveis, mas desde agora se pode elaborar uma lista de possíveis, aqueles que devem ser sujeitos a preparação especial e intensiva; não são, infelizmente, muitos os atletas nestas condições, apenas três em nossa opinião:

Álvaro Dias, Matos Fernandes e Luís Alcide, Alheando Tomaz Paquete a quem o seu nascimento em terras africanas deve vedar a possibilidade de insipidez.

Pode parecer estranho que não indiquemos Joaquim Branco mas, embora tendendo homenagem ao seu valor, é evidente que marcas não passam da mediocridade no plano internacional.

Em «Mundo desportivo» o nosso camarada Alberto Freitas apresenta a seu respeito um critério inverso da lógica, pretentendo concluir que Branco deve ser escolhido precisamente porque é muito inferior aos seus eventuais adversários. Esperemos que o simpático atleta belenense progrida o suficiente para conquistar o direito à selecção e seremos o primeiro a aplaudir mas, por enquanto, diga-se a verdade que, à face de melhores e mais completas informações do que aquelas reunidas pelo técnico atraz referido, se apresenta assim: em 18 países europeus (Alemanha, Bélgica, Checoslováquia, Dinamarca, Finlândia, França, Holanda, Hungria, Inglaterra, Irlanda, Itália, Jugoslávia, Luxemburgo, Noruega, Romênia, U. R. S. S., Suécia e Suíça) os dois melhores de 1949 fizeram nos 1500 m. melhor do 3 m. 58 s. e em sete outros (Turquia, Austria, Bulgária, Espanha, Grécia, Islândia e Polónia) a melhor marca foi inferior a 4 m. 7 s.

Recordemos, para concluir, que o recorde de Joaquim Branco é de 4 m. 8,5 s..

Assinem
"STADIUM"

ATLETISMO

Manuel Gonçalves

(Continuação da pág. 2)

todos eles, apenas um, Manuel Gonçalves, tem condições para alinhar na prova.

A corrida de fundo atravessa de momento uma crise de carência de especialistas, levado ao ponto extremo. Passados os vinte quilómetros, Gonçalves fica só em campo e lamentamo-lo porque é assim impossível averiguar se possui estejo para fazer melhor do que os seus medíocres tempos actuais.

Na corrida de domingo, em que gastou mais 1 m. 45 s. do que o tempo recorde que lhe pertence, chegou sem vestígios de fadiga e correu isolado a partir dos sete quilómetros. Qual seria o seu tempo se tivesse tido até perto do fim adversários à ilharga?

O seguimento da prova sintetiza-se no registo dos tempos intermediários, que vamos anotar.

5 km.: Gonçalves, Silva e José Rodrigues, em 17 m. 15 s..

7,5 km.: Gonçalves, 34 m. 42 s.; João Silva a 29 s.; Rodrigues, a 56 s.; Tomé, a 1 m. 56 s., António M. Silva, a 3 m.

15 km. (meio percurso): Gonçalves 53 m. 40 s.; João Silva, a 1 m. 15 s. e Rodrigues a 1 m. 45 s..

Em Canaças (18 km.): Gonçalves 1 h. 3 m.; João Silva, a 1 m. 30 s.; Rodrigues, a 1 m. 38 s. (recuperou na descida); Tomé, a 5 m. 25 s.; A. M. Silva, 6 m. 3 s.; Ed. Rodrigues, 7 m. 40 s. e Carvalho, 11 m. 30 s.

No caminho para Loures, José Rodrigues aproximou-se de João Silva e ultrapassou-o depois, por alturas da Mealhada, onde António M. Silva procedeu de igual modo em relação a Tomé!

A subida do Carriche foi fatal a todos os corredores, excepto Gonçalves e João Silva, os mais resistentes. José Rodrigues terminou confrangidamente exausto.

Eis a classificação: Manuel Gonçalves (Bf.), 1 h. 43 m. 4 s.; João Silva (Bf.), 1 h. 48 m. 59 s.; José Rodrigues (Bl.), 1 h. 57 m. 39 s.; António Maria da Silva (Bl.), 1 h. 58 m. 36 s.; José Tomé (Bf.), 2 h. 2 m. 57 s.; Eduardo Rodrigues (Bf.), 2 h. 5 m. 46 s. e C. Carvalho (Bf.).

Para concluir, acrescentaremos que o percurso da prova parece ser inferior de 1500 metros à distância anunciada.

SALAZAR CARREIRA

Ler no próximo
número uma
sensacional en-
trevista com
Océvio Barrosa



A equipa que, fazendo um jogo brilhante, empatou com a Espanha 2-2 no Estádio Nacional, a 11 de Março de 1945: — No 1.º plano, da esquerda para a direita: Espirito Santo, Quaresma, Peyroteo, Cabrita e Rufael. No 2.º plano: Salvador do Carmo (seleccionador), Cardoso, Manuel Marques (maçagista), Barrosa, Francisco Ferreira, Serafim, Manuel Marques, Azevedo, Valongo e Augusto Pedrosa (seleccionador).



A Seleção Nacional que, numa exibição modelar, bateu a Espanha pela primeira vez (4-1), a 26 de Janeiro de 1947, data memorável: — No 1.º plano, da esquerda para a direita: Jesus Correia, Araujo, Peyroteo, Travassos e Rogério. No 2.º plano: Cardoso, Capela, Moreira, Feliciano, Amaro e Francisco Ferreira.

AS GRANDES FIGURAS Portuguesas DE Futebol

DE aqui a onze dias a Seleção portuguesa de futebol defrontará a Espanha, em Madrid, na primeira mão da eliminatória para o Campeonato do Mundo que se efectua no Brasil, o País irmão e amigo, que aguarda ansiosamente o apuramento de Portugal.

A tarefa apresenta-se difícil e o resultado incerto, mas há que confiar no Grupo Nacional, bem elaborado, se atendermos às condições de trabalho que se apresentaram à Comissão dos 3 Seleccionadores, constituído por jogadores que, temos a certeza, se esforçarão ao máximo para dignificar o Futebol Português. Se já temos a primeira vitória contra a Espanha em terra portuguesa, é legítimo o desejo de bater a Espanha na sua própria casa, e este anseio nada tem que ver com a dificuldade tremenda que o facto representa.

No historial do Portugal-Espanha, que acusa acentuada vantagem dos portugueses, algumas das nossas equipas cobriram-se de glória, e, ao publicá-las, temos em mente que o seu comportamento glorioso possa ser uma mensagem de confiança para o próximo dia 2 de Abril, em Chamartin.

QUE DEFONTARAM A ESPAÑHA

Equipa que empatou com a Espanha 2-2, em Lisboa, a 8 de Janeiro de 1928, no 6.º encontro, conhecida pela equipa olímpica de Amsterdão. — Da esquerda: Raul Figueiredo, Armando Martins, Roquete (suplente), Valdemar Mota, Vitor Hugo Tavares (suplente), Vitor Silva, Carlos Alves, Ramos (suplente), Liberto (suplente), João dos Santos, Augusto Silva, César de Matos, Cipriano Nunes, Jorge Vieira e José Manuel Martins.



Equipa de Portugal que disputou o 1.º Portugal-Espanha, em Madrid, a 18 de Dezembro de 1921, perdendo por 3-1. — Da esquerda: Jorge Vieira, J. M. Gralha, António Lopes, António Pinho, Ribeiro dos Reis, Rual Nunes (secretário geral da Federação), Cândido de Oliveira, Artur Augusto, Vitor Gonçalves, João Francisco Maia, Carlos Guimarães e Alberto Augusto.

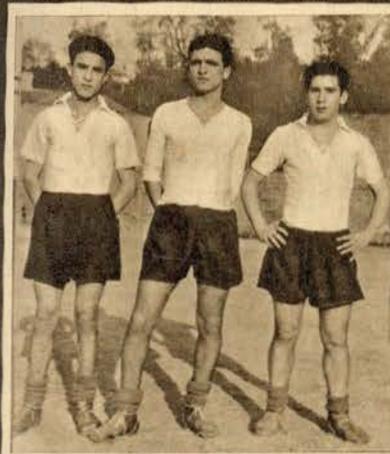


Equipa que perdeu com a Espanha, no Porto, por 1-0, a 30 de Novembro de 1930, no 8.º desafio (rebelião de Lisboa, só jogadores do Porto e de Setúbal). — Da esquerda: Valdemar, Castro, Avelino Martins, Carlos Rodrigues (suplente), Armando Martins, João dos Santos, Alvaro Pereira, Alvaro Pina, dois jogadores suplentes de quem não nos recorda o nome, Manuel Ramos Janota (suplente), Armando Ferreira, (suplente). De joelhos: Raul Alexandre, Carlos Alves, Câmara e Artur Augusto.

A equipa de JUNIORES DA Académica

desenvolve futebol de excelente desenho!

SEM dúvida, a Associação Académica de Coimbra é um dos nossos clubes grandes que mais atenção tem dispensado aos juniores. Sob este aspecto a sua acção deverá conside-



rar-se notável. Sem lisonja. Que útil e importante resultaria para o futebol se todos quisessem dar-lhe contribuição igual! Os estudantes contam já na categoria cinco presenças na final do Campeonato Nacional, as três últimas consecutivas, o que constitui uma afirmação do valor e da projecção dessa obra.

A prova regional, instituída há longas épocas, encontrou desde logo na equipa dos jovens académicos uma das suas bases e um dos seus mais vivos aliciantes, aos quais de resto nunca deixou de corresponder, carrilando para ela todo o grande e palpitante interesse que desde sempre a têm rodeado.

(Continua na página seguinte)



O ESFORÇO GIGANTESCO DOS HOMENS DA BOLA

Na partida do «Estoril», Areálto e Rogério, num momento culminante, saltaram à bola com vigor e decisão (a sua máscara reflecte o esforço!) encontrando a oposição não menos energética de Casiano e Sebastião

SARAU DO GINÁSIO

O Ginásio Clube Português comemorou as suas «Bodas de Diamante» com mais um Sarau, na sua sede, que se efectuou no passado sábado, resultando brilhantíssimo. Publicamos dois aspectos: Dália Cunha, nos Vãos à Leotard, e a classe feminina do clube numa exibição magistral.



Sporting, 1-Alhandra, 1 — Uma fase animada do encontro Sporting-Alhandra para a Taça «Cândido de Oliveira»

Boavista, 4-União de Montemor, 0 — Em cima, Lourenço marca, de cabeça, a 4.ª bola. Em baixo — ... É o Boavista fez, da maneira que se vê, a terceira bola

Uma linha de ataque

jogando «à argentina»!

(Continuação da página anterior)

Somente nas épocas de 1945-46 e 1946-47 a Académica não pôde ser campeã de Coimbra. O Sport, com uma equipa que causou sensação, interrompeu-lhe a marcha vitoriosa. Mas retomado o curso, os estudantes voltaram à posse do título, que até agora nenhum outro conseguiu arrebatar-lhe.

De novo, são campeões e de novo representarão Coimbra no torneio máximo, agora com um dos seus melhores «teams» de sempre, constituído por onze rapazes excepcionalmente habilidosos, exclusivamente recrutados e treinados por um grande jogador de há pouco, o dr. Alberto Gomes.

Alberto Gomes chamou a si o encargo de formar e preparar a equipa, e ela aí está, desenvolvendo um jogo de excelente e admirável recorte, com a intuição, a graça, a surpresa, a vivacidade e a originalidade da própria equipa principal — nos seus inegaláveis momentos.

As quartas e sextas-feiras, no ambiente tranquilo do velho campo de Santa Cruz, tendo por assistência a juventude liceal que ali ocorre no anseio devorante de vir um dia a envergar a camisola preta do clube, o antigo «internacional» vai «construindo» com a sua emoção e a sua sensibilidade de jogador-estudante (um sentido que nasce e se inculca para toda a vida no sangue dos que uma vez vestiram o «jersey» negro) uma nova e moça «Académica», semelhante em tudo à «Académica» grande.

* * *

Sobretudo, a linha de ataque... É espantosa a sua movimentação, no desenho dos lances, na prontidão das desmarcações, com a bola jogada constantemente pelo chão, em desmentido formal a todos quantos declaram que o jogo não melhorou de qualidade...

A asa direita, Almiro-Pimentel, apoiada pelo médio Lúcio, rapaz que o próprio dr. Alberto Gomes diz que não tardará a aparecer no grupo de honra, é toda ela uma coisa inulgar de intuição. O extremo domina a bola com um rapidez e uma facilidade impressionan-

Boxe no Bairro de Inglaterra Atlético Clube

O Bairro de Inglaterra Atlético Clube comunica que acaba de inaugurar a sua secção de boxe, cujos treinos, sob a orientação do profissional Cruz Passos, se efectua às terças-feiras, quintas e sábados a partir das 18 horas.



O treino com a bola é dos exercícios mais insistentes no campo de Santa Cruz. Aqui vemos o médio-direito (Lúcio) numa demonstração de bom nível

tes. O meia-ponta, embora franzino, é um prodígio de dedicação e de gosto pelo jogo. E Lúcio, um jogador já formado, pelo que respeita à maneira de ordenar o jogo e executar endosses.

Ao meio, um avançado-centro extraordinário, pela velocidade e surpresa das intervenções e, principalmente, pela dureza e inesperado do remate. Quantos avançados-centros «taludos» não dariam para jogar como ele! Chama-se Lebre. Talvez se devesse chamar «Furacão»! Era extremo esquerdo e foi nesse lugar que o vimos pela primeira vez fazer sete ou oito golos que só poderiam ser marcados por um jogador extraordinário, na realidade.

O interior-esquerdo secundários em habilidade, se bem que não os acompanhe em rapidez. Mas a sua calma é como que uma reflexão e uma pausa exacta nos movimentos de uma linha que nos dá, por vezes, a ideia dos lances dos argentinos e, quase sempre, a reprodução das jogadas de ponto em branco da equipa principal.

Mário Torres é outro valor do «team».

Aos dezoito anos, tem já a noção total do médio-centro, correndo e entregando simultaneamente, pelo que as suas intervenções, em vez de ficarem como cortes simples ou bruscas interrupções, representam continuidade, seguimento, a própria corrente do jogo...

Nas redes, Morgado, alto, lesto, elástico e muito atento, a quem o basquete (Morgado faz parte da equipa académica da modalidade que ostenta o título de campeã de Portugal) está perfeitamente à altura da equipa.

O conjunto alinhou no campeonato deste ano, habitualmente, a formação:

Morgado-Leandro e Sameiro-Lúcio, Torres e Bráulio-Almiro, Pimentel, Lebre, Eugénio e Pa-redes.

FUTEBOL BENFICA

... «em rodagem» para novo título de campeão de Lisboa de hoquei em campo

DEVIA já estar concluída (a não se darem os habituais e inevitáveis atrasos... por adiamento de jogos) a primeira volta do 26.º campeonato de Lisboa de hoquei em campo. Faltam, para tal, as partidas Ateneu-Oriental (nas duas categorias) e Belenenses-Hóquei. Mas a prova, valha-nos ao menos isso, não tem ido mal de todo — porque se registaram acontecimentos merecedores de menção. Assim, por exemplo, a estreia do Oriental e o reaparecimento do Ateneu; as duas derrotas do Benfica, ambas por 0-2, consentidas perante as turmas do Atlético e Futebol Benfica; a desistência da reserva do Belenenses, depois de ter ganho ao Benfica, por 1-0, portanto com possibilidades de melhoria; as primeiras vitórias dos estreantes orientalistas (2-0) e dos «ressuscitados» (1-0) frente ao Hoquei; o triunfo-recorde do Benfica (15-0) sobre o Hoquei; e, por último, a brilhante carreira do Futebol Benfica, só com vitórias (6) e 24-1, em marcha firme para o conquista de novo título — ou de mais um título!

Justo se torna salientiar igualmente que, no geral, os desafios tenham decorrido em boa ordem — numa espécie de competição (a todo o ponto interessantis-sima) para a taça «Disciplina», prémio a conferir, por louvável intento do A. H. C. L., à equipa de clube mais bem comportada durante a época. A propósito: — aqui está um magnífico exemplo a seguir pelos outros organismos dirigentes do desporto. Parece, porém, que só os maus exemplos servem de padrão...

Nos encontros disputados até à altura de escrevermos estas linhas (antes da jornada de domingo pretérito) verificaram-se, nas duas categorias, os resultados seguintes: Ateneu-Atlético, 1-4 e 0-4; Belenenses-Ben-

fica, 0-1; Futebol-Hoquei, 6-0; Ateneu-Belenenses, 0-3; Atlético-Oriental, 4-1 e 4-0; Benfica-Futebol Benfica, 0-2 e 0-0; Atlético-Belenenses, 1-1; Hoquei-Oriental, 0-2; Ateneu-Futebol Benfica, 0-7 e 0-5 (f. c. Ateneu); Atlético-Hoquei, 4-0; Belenenses-Oriental, 2-0; Ateneu-Hoquei, 1-0; Atlético-Benfica, 2-0 e 1-5; Futebol Benfica-Oriental, 3-1; Benfica-Hoquei, 15-0; Belenenses-Futebol Benfica, 0-4; Atlético-Futebol Benfica, 0-2; e Benfica-Oriental, 4-0 e 3-0. E as classificações, também até domingo, antes da disputa dos jogos em atraso:

1.ª categoria — Futebol Benfica, 6 v., 24-1 e 18 pontos; Atlético, 4 v., 1 e., 1 d., 15-5 e 15 pontos; Benfica, 3 v., 2 d., 20-4 e 11 pontos; Belenenses, 2 v., 1 e., 2 d., 6-6 e 10 pontos; Oriental, 1 v., 4 d., 4-13 e 7 pontos; Ateneu, 1 v., 3 d., 2-14 e 6 pontos; Hoquei C. P., 5 d., 0-28 e 5 pontos. Reserva — Futebol Benfica (6-0), Benfica (8-1) e Atlético (9-6) aqueles com 2 v., e e., este com 2 v., 2 d., todos com 8 pontos; Oriental, 2 d., 0-7 e 2 pontos; Ateneu, 2 d. (uma falta) e 0-9, com um ponto apenas.

Saliente-se, por fim, o desportivismo do Hoquei C. P., pioneiro da modalidade, que apesar de vencido em todas as partidas continua a demonstrar o mesmo entusiasmo e perseverança do primeiro dia. Chama-se a isto espírito de luta e vontade de praticar desporto puro — ou seja por simples prazer. Que a sua tenacidade frutifique e sirva de exemplo aos «velhos» desaparecidos e aos vindouros. E assim, realmente, que se faz desporto amador, coisa raríssima nos nossos dias mas sempre para enaltecer e acarinhar.

JORGE MONTEIRO

ARCADIA DANCING DE LUXO

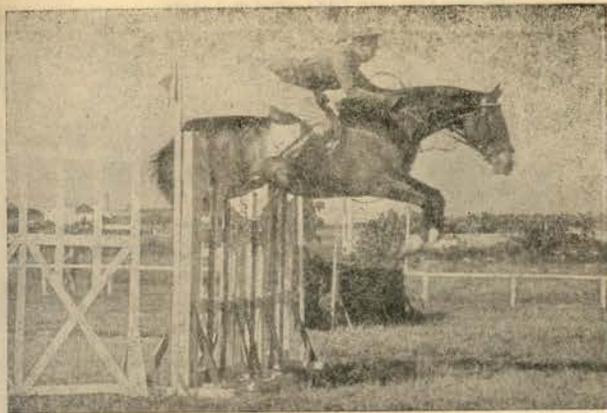
Apresenta o melhor programa de variedades com:

CARMEN OLMEDO y su BALLET
HISPANO-AMERICANO

Na sua estreia foi muito aplaudido o conjunto musical MELODY BO'YS
com o vocalista ALBINO GOMES

Mary-Mely — Herm. Baron — Zoraida — Herm. Goyescas
— Luisa Royo — Herm. Avila — Carmen Del Mar — Olga
Mendoza — Mary Arilla

Orquestra ARCADIA com HERLANDER



«Foragido», montado pelo comandante Gavilan, no percurso que lhe conferiu a vitória no «Grande Prémio de Lisboa»

Morreu o cavalo «Foragido»

O hipismo espanhol acaba de sofrer a baixa de um dos seus melhores cavalos, que recentemente morreu em Madrid — o irlandês «Foragido».

O nosso público conhecia-o bem por o ter visto actuar em Lisboa nos Concursos dos últimos três anos.

Cavalo de grande categoria alcançou lugar de prestígio e ganhou fama internacional o que lhe concedeu, por direito, lugar na equipa olímpico que, em 1948, se classificou no 2.º posto nos Jogos de Londres, montado pelo comandante Marcelino Gavilan.

Nos três concursos que disputou em Portugal o «Foragido» obteve boas classificações entre as quais a vitória no «Grande Prémio de Lisboa» no ano de 1948, contribuindo, também, de forma notável para o triunfo espanhol nas Taças de Ouro e das Nações, alcançado no ano findo. Indiquem-se ainda os 3.ºs lugares na «Regularidade» e na «Turf», em 1949, e o 4.º desta última prova, em 1947.

«Foragido» era dos melhores cavalos da equipa representativa da Espanha e ocupava, com «Quorum», lugar de relevo no hipismo internacional.

Bibliografia

Bases da esgrima moderna

pele capitão Campos Andrade

COM a publicação de «Bases da Esgrima Moderna», o capitão e mestre de armas Carlos de Campos Andrade enriqueceu, de forma notável, a bibliografia desportiva portuguesa e prestou alto serviço aos cultores do nobre desporto das armas.

O interessante trabalho, verdadeiro tratado de florete, espada e sabre, abre com uma breve notícia da história da esgrima, «exercício tão antigo como a própria humanidade».

O seu autor, depois de algumas considerações gerais, passa em revista as características essenciais das escolas francesa e italiana, a mobilidade, o afundo, a guarda, o método húngaro de sabre moderno e o método português de espada.

Através das cento e cinquenta páginas do precioso volume, ilustrado com magníficas e expressivas fotografias, são focados em capítulos sucessivos, todos os assuntos que, dizendo respeito ao ensino da esgrima, interessam a mestres e a alunos.

Assim, o capitão Campos Andrade ocupa-se pormenorizadamente dos factores primordiais da esgrima, das posições fundamentais e movimentos da esgrima, dos ataques — simples, compostos ou marchando —, das paradas, nas sete modalidades, das respostas e contra-respostas, das acções preparatórias, das preparações de ataque, dos reataques, das acções de primeira e de segunda intenção e das acções em tempo.

Em capítulo especial é estudada a progressão do ensino e organização das lições, nas suas fases de preparação, aplicação e aperfeiçoamento. Como igualmente são estudados em profundidade

os exercícios de preparação para o assalto, quer de florete, espada ou sabre.

E, depois de se ocupar do treino propriamente dito, o capitão Campos Andrade apresenta uma série de conselhos para combater com vários atadores. Encerra o volume, uma lista de termos portugueses de esgrima, com os seus correspondentes franceses e italianos.

Oficial distinto, técnico no verdadeiro sentido do termo, o capitão Carlos de Campos Andrade prestou, indiscutivelmente, com a publicação de «Bases da Esgrima Moderna», mais um belo e relevante serviço ao magnífico desporto das armas.

Dois encontros

Um em Chamartin outro no Campo Pequeno

Vem aí Manuel dos Santos o «fenómeno» português que deixou deslumbrada a aficção sul-americana com a sua valentia e consumada arte de toureiro fino e elegante. No mesmo dia em que no Estádio de Chamartin se vão encontrar as duas equipas nacionais de futebol da Península, haverá ali para os lados do Campo Pequeno um outro encontro que os lisboetas saborearão com bem maior entusiasmo — o mano-a-mano Manuel dos Santos-Manolo Gonzalez.

Vi o portentoso espanhol, pela última vez, numa corrida modesta que se fez no fim do verão passado, em Santarém.

Guardo ainda na memória dois ou três quites com que o grande sevillhano brindou uma multidão eletrizada pela sua inconfundível classe. Logo após, contudo, uma colhada que se supoz grave e, afinal, nenhuma consequência teve, felizmente, pôs o grande rival de Manuel dos Santos fora da arena. Mas guardo — e então de forma inesquecível lembrança muito especial da sua estreia em Portugal, numa corrida nocturna no Campo Pequeno há dois anos. Um touro fugidio mas veloz que não se parava, que atacava o valente sevillhano sempre que lhe passava a muleta diante dos olhos, deu ao magistral toureiro oportunidade para uma lide sem tranquilidade mas imponente de bravura e grande decisão. Manolo Gonzalez houve de tourear movendo-se com velocidade idêntica à do touro, sem perder nem a sua graça puramente sevillhana nem a perfeição com que consuma os passes do toureiro mais clássico.

Anseio, agora, pelo encontro dos Maneis!

Se o Basora, no futebol de Chamartin, tiver ganas de en-

sombrar o defesa esquerdo que os seleccionadores portugueses lá puserem nesse dia: se o Molowny requiguar na sua arte de jogador aprimorado e levar de vencida o jogo também aprimorado do pequeno médio leonino que é Canário: se isto ou aquilo correr menos bem no luzuoso campo atlético do Real Madrid — resta-nos uma compensação: Manuel dos Santos, o toureiro da graça que teve o seu nascimento na terra onde Patricio Cecilio, seu mestre, é rei — não se deixará vencer!

O grande duelo está lançado. Os dois Maneis vão pôr o Campo Pequeno em alvoroço! Há dúvidas sobre qual será o vencedor! Assim tudo se viesse a passar no futebol — nessa tão discutida eliminatória que portugueses e espanhóis haverão de fazer no mesmo dia para qualificar aqueles que terão a honra de aparecer no Rio de Janeiro.

Benito Diaz vive já, com os seus pupilos, no estágio do Escurial. Tudo ali é austeridade e disciplina. A equipa espanhola anuncia-se forte e destemida. O seu arranco em Chamartin exigirá que os portugueses se lancem com vigor igual. Mas estará sempre na memória de quantos portugueses lá forem que «cada um em sua casa é rei...»

A equipa portuguesa sofre de doença grave — é certo. Os males vão aparecendo cada vez mais sérios à medida que a grande data se aproxima. O jogo da Tapadinha, há dois dias, lançou o pânico nos espiritos dos seleccionadores e até mesmo naquelas pessoas que, como nós, se limitam a ser meros e pacatos assistentes. A derrota da equipa que tem no estágio nada mais nada menos que seis dos futuros representantes de Portugal, provocou o maior alarme. Um dos seus pilares, organizador que haverá porventura de ser do ataque português, não revela a mais pequena garra de lutador do toureiro português que vai enfrentar o «maestro» sevillhano e seu rival. É gracioso a jogar — como o toureiro da Golegá — na sua arte — mas tem certo temor pelas colhidas, coisa que não acontece ao outro.

Ora, na arena de Chamartin é imperioso deter o tal arranco inicial. Deter o arranco ou arrancar mesmo mais forte ainda do que o adversário.

MÁRIO SANTOS

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número . . . 2\$50

3 meses, Esc. 32\$50

6 » » » 65\$00

12 » » » 130\$50

GRUPO DE FUTEBOL DA F. N. A. T.



O agrupamento da Companhia Carris estreante em 2.ª categoria que, a partir da determinada altura, não foi feliz, não conseguindo alcançar a posição que merecia pelo valor demonstrado. No 1.º plano da esquerda para a direita: Valente, Cabral, Fialho, Fonteita, Ezequiel, e Norberto. De pé: Ferreira, Sales, Henriques, Brito e Gomes.

Wilson, no lugar de ponta direita, joga de cabeça enfrentando Serafim



No seguimento de uma acção de Travassos, Vasques remata de cabeça, e a bola passa um pouco por alto. Caetano, atacado por Jesus Correia, não teria defendido... Azevedo e Figueiredo, este, nas redes seguem o lance



Sebastião, já no ar, vai encavar uma bola por alto, ante o olhar vigilante de Alberto



Próximo das balizas, o esforço de quem ataca (Arsénio), como de quem defende (Cassiano e Sebastião) é intenso



BELENENSES GANHAM, SPORTING PERDE A ILUSÃO DO TÍTULO

Tormenta choca com venal, ao defender a presteza um canto. balizas vê-se Barro. Ao lado, Passos



BENFICA passa todos os obstáculos

Rosário corre para a bola, no seguimento de um lance decisivo. Sebastião sai a tempo e consegue a defesa



E Bravo, aos 5 minutos de jogo, marca sem defesa possível a bola vitoriosa!



Sebastião, em choque com um companheiro, cai desamparado e magoa-se, partindo a cabeça. Do outro lado, vê-se o guarda-redes do Estoril a receber tratamento

PORMENORES DO ESTORIL

De quando em vez, os cães deixam-se seduzir pelo futebol



Barrosa, magoado, em jogada com Sidónio, abandona por momentos o terreno, sendo tratado por M. Marques. A sua inclusão no Grupo Nacional está comprometida

RECORDAR É VIVER... ALVARO CARDOSO

Cardoso, o homem de Setúbal, que, após várias épocas no Vitória, veio para a categoria de honra do Sporting na época de 1939, e deixou ainda ontem — por assim dizer — de jogar à bola, e a sua figura quase está de todo desaparecida, apesar da grande falta que faz no futebol. Era o grande esteio da defesa do Sporting e da Seleção Nacional, o rapaz que conta hoje 36 anos, é treinador da Cuf do Barreiro, e soube abandonar na devida altura! Nesta secção de «Recordar é viver» vamos arrancar alguns jogadores ao passado, em várias das suas atitudes características. Contemplemos as imagens, mais eloquentes do que as palavras.

Cardoso treinava-se assiduamente e mantinha grande flexibilidade, só assim se justificando a possibilidade dele devolver uma bola como o apresentamos, com firmeza no pé direito e o balanço do braço direito para equilíbrio, com a perna esquerda elevada ao máximo e projectada em toda a sua força.



Mas Cardoso não era um jogador de ímpeto, mas sim um defensor que raramente perdia o rumo do jogo, situando-se esplendidamente. Repare-se como ele aguardava, atrás do seu guarda-redes, o desenvolvimento de um lance para intervir, se necessário. Era, portanto, um defensor extremamente seguro e sabedor.



Jogador completo, brilhava também no jogo de cabeça em que era exímio. El-lo, no ar, maleável de músculos, firme a elevar-se apesar da oposição do adversário, devolvendo por alto uma bola. Cardoso, defensor sóbrio mas perfeito, o exemplo típico do homem da luta!



O desportista LANÇA DE MORAIS

FALA DO DESPORTO EM LUANDA

citando dirigentes e o trabalho dos clubes

O guarda-redes do Sporting Clube do Huambo quer vir para o Benfica, mas o Sporting também está interessado...



Um grupo de «benfiquistas» da Velha Guarda no qual figura o nosso entrevistado, o 2.º a contar da esquerda no segundo plano

S OUBEMOS que tinha vindo para Lisboa, a fim de retemperar a saúde, abalada por um excesso de trabalho, uma das mais prestigiosas figuras do desporto de Angola.

Aurélio Lança de Moraes é um nome bastante conhecido, desportista cem por cento, a cujo carinho e dedicação muito devem os principais clubes de Angola, nomeadamente o Sport Clube Portugal, de Benguela, o Desportivo de Huila, o Clube Sportivo Nuno Álvares e Sport de Lisboa e Luanda, e cujos corpos directivos faz parte há bastantes anos.

Quisemos ouvi-lo, e fomos encontrá-lo na sua residência, cumprindo prescrições clínicas e rodeado pela sua equipa, a sua família, dentro da qual ele não é o Pai mas o «captain». Seus filhos, ainda jovens, são já uns magníficos nadadores e velejadores, embora também pratiquem outros desportos.

Após os primeiros cumprimentos, notamos que os seus 49 anos, sobrecarregados por uma cabeleira quase totalmente branca, são contradições por uma presença vigorosa e desembaraçada, por um semblante simultaneamente jovial e enérgico.

— Se me dá licença apresento-lhe «este» que também faz parte da «casa»...

Tratava-se de Abílio de Lemos, o jovem hóquei-patinador que alinhou por Luanda contra os campeões do mundo e agora treina num clube de Lisboa.

— Mas que hei-de eu dizer à «Stadium»?... Que é uma revista que muito aprecio e que leio com regularidade, em virtude de ter em Luanda uma sobrinha «ferrenha» que a recebe de avião?... Além disso sou daqueles que nada sabem.

— Mas que muito fazem...
— ...apenas aquilo que posso...
— ...que muito é, vamos indo...
Estava começada a entrevista. Atacámos.

— Diga-nos, Lança de Moraes, quantos anos jogou futebol?

— Eu sei lá!... Sei apenas que foram muitos... Joguei em Benguela, Sá da Bandeira, Chinguar e Luanda. Enquanto andei pelo Sul fui sempre seleccionado por Benguela, tanto em futebol como em atletismo.

— E quando deixou a bola?

— Praticamente, ainda a não deixei...

— ?...

— Sim. — E elucidá-nos. — Ainda há pouco joguei pela velha-guarda do Benfica contra a velha-guarda do Sporting e, depois disso, ainda alinhei pelo Organismo em que trabalho. Às vezes ainda «apito» jogos particulares. Mas arrumei definitivamente a minha equipa de jogador. Já parecia mal...

— E agora?...

— Agora... tenho um barco e peisco.

Mudámos de assunto.

— Qual o quadro geral do desporto em Luanda.

— Muito promissor. A Associação Desportiva de Luanda, à frente da qual se encontra M. Quádrio Raposo, tem dado um incremento extraordinário ao desporto, organizando competições de ciclismo, hóquei em patins, basquete e volei. O hóquei patinado deve muito a Quádrio Raposo que foi, verdadeiramente, o seu grande organizador. Então depois da visita dos campeões do mundo, não pode calcular o entusiasmo que há pela modalidade.

— Disseram-nos que os desportos náuticos estão a desenvolver-se grandemente...



Lança de Moraes governando um «donques» em que, com seus filhos, fez uma pescaria

— Na verdade, o Clube Sportivo Nun'Álvares, principalmente, tem feito um grande movimento e dispõe de uma piscina magnífica. A baía de Luanda é ótima para a prática do remo e vela e, como sabe, a praia da ilha é a mais extensa de todas as costas do Império e sempre com mar chão...

E pede-nos para referirmos o seguinte:

— O Clube Sportivo Nun'Álvares, seria ingratitude não o frisar, tem dois grandes nomes a quem, na verdade, deve toda a animação desportiva que o caracteriza — Martins dos Santos e José Aparício. Por sua vez o Clube Naval de Luanda, após um longo período de abandono, ressurge cheio de vitalidade graças ao seu comodoro, Elísio Guimarães. Até já fez deslocar a Lourenço Marques, em colaboração com a Mocidade Portuguesa, duas equipas de vela que ali saíram vencedoras de todas as provas em que tomaram parte.

— Mas isso é magnífico.

— Não calcula o entusiasmo que há, por parte da mocidade, pelos desportos náuticos. Olhe, os meus rapazes são todos ótimos nadadores e grandes «carolas» pela vela. E, como eles, são todos os das novas gerações...

— E quanto a futebol?

— Luanda possui um estádio que, excluído o do Jamor, já se vê, deve ser o melhor do Império. Apenas não possui relvado, por causa do clima não ser muito propício à conservação do grama.

— E competições?...

— Este ano não há campeonato porque, para o Orfeão Académico de Coimbra ali dar um único espectáculo, construíram no meio, em «cimento armado», uma espécie de tablado. Isso até prejudicou uma festa que ali se ia realizar, em benefício dum antigo benfiquista, e para a qual já estava a casa toda passada. Agora, tive conhecimento de que estão construindo no meio uma arena para a realização de touradas.

— E quanto ao futebol metropolitano?...

— Vi apenas dois desafios.

E calou-se, como analisando uma opinião previamente formada. Quisemos arrancar-lha e obtivemos esta resposta:

— Fiquei desiludido. Segundo os relatos que oigo normalmente

pela Emissora Nacional, esperava melhor, muito melhor do que aquilo que vi. Vim com a ilusão do «muito bom», e encontrei apenas e «regular».

Eis a opinião dum homem que, nunca vivendo do futebol, porque em Angola se pratica o amadorismo puro, tem vivido sempre para o futebol, com toda a dedicação e, por vezes, sacrifício.

Como a propósito de qualquer pensamento, atrai-nos:

— Sabe que o guarda-redes do Sporting Clube de Huambo quer vir para o Benfica?...

Agora, fomos nós que julgámos que era Lança de Moraes que estava brincando. Porém, desfez-nos as dúvidas.

— É verdade. Trata-se dum rapaz de pouco mais de vinte anos, com qualidades magníficas, que vem passar entre nós as suas férias de ferroviário e está na disposição de ficar por cá se o Benfica o quiser...

— Mas, quem é ele?...

— Chama-se Adelino de Sousa Figueiredo e, como tem cá a família, gostaria de ficar por cá e no Benfica, com quem o pai já entrou em contacto.

E, confirmando.

— É uma ótima aquisição. Mas tive conhecimento de que o Sporting já telegrafou...

A entrevista ia longa, e Lança de Moraes precisava de fazer o repouso prescrito pelo clínico.

Como se pôs à nossa disposição para todas as informações, vamos aproveitar a gentileza e amizade de Lança de Moraes para, em artigos futuros, tratarmos mais pormenorizadamente de assuntos desportivos relativos àquela nossa florescente Colónia.

MIGUEL VIDAL

«O Norte Desportivo»

«Norte Desportivo», jornal que é uma afirmação da orientação desportiva que o domina, pela forma como escolhe e trata os assuntos e problemas de que se ocupa, entrou no XVI ano de publicação. Quem, como nós, sabe o que representa manter uma obra jornalística que se faz mais com o entusiasmo do que tendo em vista os interesses materiais, não pode deixar de admirar a forma gentil e sincera como se bate por todas as causas tidas como justas o «Norte Desportivo», que assim reflecte a maneira de ser do seu director, o nosso querido amigo Alves Teixeira, a quem cumprimentamos efusivamente bem como a todos os redactores e colaboradores.

PROBLEMAS

do Campeonato

(Continuação da pág. 2)

se deve partir para concluir com vista ao futuro — mas isso derivou fundamentalmente da falta de talento das unidades do Sporting.

Um mal tem o futebol português, o qual consiste em não dispôr de interiores com capacidade realizadora de remate e suceder que, nos tempos presentes, são precisamente esses elementos os que dispõem de maior facilidade de remate. Para isso, porém, é indispensável que os interiores tenham força e direcção no remate. Quem há por aí que, a vinte metros das balizas, vise estas ordinariamente em condições de golo? Não descobrimos, verdade seja, o homem capaz da proeza. Por que Araújo, o único, repousa aborrecido na sua terra de Paredes.

Os resultados verificados na 22.ª jornada foram os seguintes:

Sporting 0-Belenenses 1, Estoril 1-Benfica 2, Porto 4-Braga 0, Covilhã 2-Olhaneense 1, Lusitano 2-Académica 4, Guimarães 3-Elvas 1, Setubal 1-Atlético 1.

Os resultados têm o cunho da normalidade. Destaca-se, no entanto, aquele que a Académica alcançou em Vila Real de Santo António. Os próprios números indicam que o ataque de Coimbra, flexível, oportuno e muito atento, levou a melhor contra uma defesa que se fragmentou, não suportando o ritmo rápido e febril, de boa combinação, da ofensiva, sua adversária.

O Porto não teve dificuldade em dominar Braga, jogando sem apreensões. Covilhã obteve uma vitória difícil, e continua a afirmar-se um valor positivo. Olhanense comportou-se esplêndidamente. Guimarães bateu Elvas, não só em números como em jogo, cotando-se como o melhor grupo no rectângulo. Em Setubal, o Atlético arrancou um ponto, continuando à força de pulso, no terceiro posto, que está a defender maravilhosamente.

O campeonato apesar de ter o problema do título solucionado conserva ainda algumas dúvidas, tais como sejam as do 3.º posto — lugar de honra! — e principalmente as que se referem à colocação do penúltimo, condenado à morte, se não se revê uma disposição que não nos parece justa, e à do ante-penúltimo, a quem compete discutir um problema também de grande importância, sofrendo o assalto do campeão da 2.ª Divisão. Lusitano está condenado. Estoril e Elvas procuram safar-se, embora nos pareça que este último esteja em pior solução. Braga e Guimarães passam ainda uma vida de angústia. Académica, Olhanense e Setubal agelaram-se comodamente nos «fauteils» da Primeira Divisão. O fim de festa parece-nos curioso. Apesar da pausa de um mês — a vida de dois teams está por um fio. — T. S.



O conjunto da Caixa dos Profissionais da Indústria Hoteleira estreante em 2.ª categoria, que apesar de comportamento modesto demonstrou valor para vir a classificar-se melhor em competições futuras. No 1.º plano da esquerda para a direita: Rodrigues, Oliveira, Sérgio, Chaves, Andrade e Fernandes. De pé: Cordeiro, Viegas, Ferreira, Rogério e Abílio.

O ELDORADO COLOMBIANO

À VISTA DOS PROFISSIONAIS BRASILEIROS...

Especial para «Stadium», do nosso redactor Candelas Alvarez

ESTE caso da vinda ao Brasil de um emissário colombiano disposto a contratar alguns jogadores brasileiros a fim de integrarem a equipa principal do Atlético Júnior de Barranquilla, continua a fazer correr rios de tinta e a apaixonar a opinião pública.

D. Mário Abello, o já chamado «aliciador» é o pómo da discórdia. Para ele convergem todos os ódios possíveis e imaginários. Queixas e mais queixas surgem diariamente contra o emissário colombiano; ameaças contra a integridade física; propostas do suborno, enfim, uma série de coisas que até «carrepias». Por motivo da nossa função profissional, vimo-nos de um momento para o outro obrigados a manter um permanente contacto com D. Mário, e depois de esclarecidos sobre diversos assuntos e ainda depois de verificarmos a sua maneira de proceder, chegamos à conclusão de que o «lobo» não passa de um «cordeiro»...

D. Mário Abello chegou ao Brasil disposto a gosar umas merecidas férias e ao mesmo tempo aproveitar a possibilidade de contratar Heleno de Freitas e Tim, o antigo interior do Fluminense, hoje afastado das canchas, e que foi talvez o maior interior que o Brasil conheceu. Logo que nos meios desportivos se soube da presença de D. Mário, a correria para o Hotel Atalaia foi grande. Repórteres pretendiam saber quais as suas intenções, jogadores profissionais ofereciam os seus serviços, dispostos a rescindirem os contratos que os ligavam aos clubes, desde que lhes fosse dada a oportunidade de seguirem para a Colombia. Outros jornalistas remetiam a D. Mário cartões de apresentação pretendendo a possibilidade de ficarem como representantes do emissário colombiano, no futuro. Enfim, a onda foi crescendo e de um momento para o outro Mário Abello viu-se obrigado a não poder sair do hotel, tal a avalanche dos

que buscavam o «eldorado colombiano». Contratados Heleno de Freitas e Tim. — diga-se de passagem atendendo a cartas do primeiro endereçadas a Barranquilla — sendo que este último como treinador, outros foram surgindo a conselho deste. E surgiu Beracochea antigo jogador do Vasco da Gama, ora sem contrato, Ary e Marinho do Botafogo. A D. Mário foram oferecidos jogadores como Ademir, Zizinho, Danilo e Barbosa, por intermédio de um emissário que declarou conseguir a transferência pela quantia de 40 mil dólares. A sua resposta foi a prova cabal de que não pretendia desfalcar o Brasil de elementos básicos do seleccionado auri-verde. Sômente lhe interessava Heleno, pela sua projecção sul-americana; Tim por sabê-lo esplêndido jogador e ótimo técnico; Ary e Marinho, porque as condições pedidas não eram exorbitantes, e Beracochea porque de facto era um jogador a aproveitar. De resto nada mais lhe interessava. Obtidos os passaportes, marcada a partida para o dia 8, eis que a 7 do corrente, pelas 5 e meia da tarde chegou ao nosso conhecimento de que o Botafogo de Futebol e Regatas havia feito queixa no 2.º Distrito Policial contra D. Mário Abello, como aliciador, em transgressão ao art.º 206 do Código Penal Brasileiro que considera aliciador todo aquele que alicia trabalhadores para exercerem a sua actividade em terras estranhas ao Brasil.

Naturalmente que, apesar de ser do conhecimento geral a impossibilidade de impedir a partida dos jogadores contratados, D. Mário foi procurado pela Polícia às 23 horas, sendo conduzido à delegacia onde perante o delegado de dia, fez as primeiras declarações. Moveram-se as reportagens e o emissário colombiano foi sujeito aos «flashes» dos fotógrafos, intensamente.

Calmo como sempre, D. Mário confirmou que pretendia

NATAÇÃO

NOTAS SOLTAS

REALIZOU-SE no Pavilhão dos Desportos Náuticos a primeira festa da assembleia da Associação de Natação de Lisboa. O relatório — expressivo e muito bem elaborado — foi aprovado por unanimidade.

Igualmente foi aprovada uma proposta do delegado do Clube Nacional de Natação, com vista à realização de um jantar de homenagem ao nosso distinto camarada José Dias Pereira e a Carlos Pereira da Silva, tesoureiro, há dez anos consecutivos, da A. N. L.

Surgiu, no entanto, um óbice: a elaboração da nova direcção para a temporada em curso. E por isso a assembleia, continua hoje, no mesmo local, oxalá que com bons resultados práticos.

A notícia da reorganização da secção de natação do Estoril-Prata causou verdadeiro fúlbulo. A modalidade não podia, realmente, perder tfo dedicado paladino. Saudamos, por isso, a laboriosa colectividade da Costa do Sol.

CONCLUIU-SE finalmente, o interessante torneio esta época organizado pela primeira vez pelo Sport Algés e Dafundo e dotado com a taça «Eng.º Joaquim Moreira Ramos». Realizadas as provas das duas nadadoras que faltavam, foi possível elaborar a classificação final das equipas concorrentes.

Verificou-se, então, que o trofeu havia sido ganho pela equipa formada por Maria Tereza Vila Marin Abreu, Manuel e Eduardo Murta Barbeiro e Joaquim Mendes, no tempo de 4 m. 37,8 s. Em segundo lugar, o conjunto constituído por Maria Luiza Mafheiro da Silva, Manuel da Silva Rodrigues, Eurico Rocha Surgey e Fernando Tróvão, em 4 m. 38, 1 s., e em terceiro o «quarteto» formado por Maria Inês Teixeira dos Santos, Eurico Perdigão, João Rocha Calisto e Vasco Dias Pereira, com a marca de 4 m. 41,5 s.

As pequenas diferenças verificadas entre os tempos destas três equipas, especialmente entre as duas primeiras, demonstram claramente a animação de que a prova se revestiu, para o que muito contribuiu, sem dúvida, a maneira equilibrada como os diversos elementos foram organizados.

PROCURANDO sempre, tanto quanto possível, manter em actividade os seus nadadores durante a actual invernação, a secção de natação do Sport Algés e Dafundo tem organizado, em domingos sucessivos, as provas respeitantes aos seus «Campeonatos de Inverno». Iniciativa curiosa e fecunda, ela permite avaliar de certo modo, o progresso de uns e as possibilidades de outros.

Na prova de 400 metros-livres, verificou-se a vitória de um novo de largo futuro, Fernando Esteves Madeira, em 5 m. 31,8 s. A marca é bastante regular, tanto mais que Fernando Madeira não teve adversário que o apoquentasse. Abaixo dos seis minutos, temos ainda os nomes de Ezequiel Gamero das Neves (5 m. 55,8 s.) e João Pereira Bastos (5 m. 59 s.).

Os 150 metros-costas proporcionaram, como é natural, excelente triunfo a João Franco do Vale (1 m. 15 s.). Há a registar, também, as marcas de José Inácio Barga (1 m. 17,1 s.) e João Pereira Bastos (1 m. 19,1 s.).

Abreu Torres

conseguir profissionais brasileiros para o Atlético Junior de Barranquilla e mencionou os nomes de Heleno, Tim, Beracochea, Ary e Marinho. Posteriormente e já diante das reportagens repudiou enérgicamente o qualificativo de «aliciador»: — Não, não sou um vulgar traficante de cracks. E não é certo que pretenda estabelecer o pânico no futebol brasileiro, levando em minha companhia rapazes que pertençam aos seleccionados da cidade e do País.

Atlético mantém o 3.º lugar



Arnanão, que reapareceu na equipa de Setúbal, combina com Manuel Ataz, movendo-se num círculo apertado da defesa



Ernesto, guarda-redes de grandes qualidades, mergulha aos pés do setubalense Vasco

COVILHÃ 2-OLHANENSE 1



Ao alto, o guarda-redes Abraão lança-se a uma bola alta. Ao lado, Simony carrega, Abraão, sem resultados práticos



GUIMARÃES 3-ELVAS 1

Ao lado, Teixeira jogando pela primeira vez a defesa direito. Kvra o seu grupo de um ataque impetuoso do adversário. Em baixo, o jovem guarda-redes Marques arrebatou a bola a Franklim, jogador muito ágil.



Grande vitória da Académica em

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Ao lado esquerdo, após uma reacção brilhante, Castela, de longe, marca a segunda bola e os jogadores académicos vibram de alegria. Ao lado direito, Curado intervém excelentemente numa jogada de ataque do Lusitano





TAVARES DA SILVA
— NO ATENEU DESPORTIVO DE LEIRIA —



O Ateneu Desportivo de Leiria comemorou agora o seu 3.º aniversário com muito brilho e convidou Tavares da Silva para, na sua sede, fazer uma palestra sobre futebol, a qual suscitou o mais vivo interesse. Em cima, publicamos uma fotografia da sessão solene a que presidiu o sr. dr. Joaquim Lirio, que representava o chefe do distrito, ladeado pelos srs. drs. Rui Garcia, Mário Dinis, José Infante de La Cerda, José Ramos, Alves Filipe e eng. Américo Ferreira. Em baixo, apresentamos um aspecto da classe infantil de ginástica que, orientada por Emidio Pimentel, depõe eloquentemente a favor da obra de educação física do Ateneu de Leiria.



O futebol na Mocidade Portuguesa disfruta do interesse e popularidade que o grande jogo mantém em todos os sectores.

A-par da intensa actividade de educação física e desporto, trazendo ligadas nas várias modalidades os rapazes da Mocidade, o futebol anima e serve a modelar Organização. Neste momento disputa-se a fase final do Torneio da Ala de Lisboa, na qual entram os campeões das três Séries, Pupilos do Exército — cujo grupo «Stadium» já teve oportunidade de publicar — Liceu Camões e Colégio «O Académico». Publicamos hoje estes dois últimos grupos e uma fase, em que há genica e movimento, do jogo Pupilos-Liceu Camões.

CAMPEONATO REGIONAL DE FUNDO



A chegada de Manuel Gonçalves

ATLETISMO

MANUEL GONÇALVES

vencedor e único corredor de fundo

O campeonato regional de fundo, disputado uma vez mais no difícil percurso de 30 km., de Queluz ao Campo Grande, por Caneças e Loures, com a girândola final da subida do Carriche, reuniu apenas sete concorrentes, representando o Benfica e o Belenenses, mas demonstrou também o que já era sabido: que, de

(Continua na pág. 3)



FUTEBOL DA MOCIDADE PORTUGUESA



a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

ANDEBOL

EM Bordéus, realizou-se o desafio internacional Espanha-França, com o resultado de 6 a 6. Os espanhóis manifestaram superioridade técnica e atlética mas não foram felizes: dois minutos antes do apito derradeiro, Miracles fahou uma grande penalidade e, antes disso, os dianteiros peninsulares artilharam sobre os postes, algumas vezes.

No dia imediato, exibindo-se em Paris o excelente grupo espanhol manifestou consaço e falta de entusiasmo, perdendo com a selecção da capital, em Villembolle, por 7 pontos a 6. A primeira parte acabou com o severo resultado de 6-0, e nos primeiros minutos da segunda os espanhóis encaixaram o sétimo tento. Depois, exibiram-se a grande altura, podendo haver triunfado se o tempo não lhes escasseasse.

BOXE

* Em Nova York, Charlie Fusari derrotou Jimmy Flood por pontos, em 10 assaltos.

* Em Genebra, o italiano Falcinelli empatou com o suíço Etter, ao fim de dez assaltos, embora este último se houvesse revelado ligeiramente superior.

* Os amadores parisienses bateram os bruxelenses por 5 vitórias a 1 e dois desafios nulos. O torneio, há poucos dias realizado, teve lugar na capital da Bélgica sendo muito concorrido.

* Esperam-se, ansiosamente, os próximos combates entre Ray Famechon e Willie Pep, para a supremacia mundial de semi-leves, bem como o de Laurent Dauthuille e Steve Belloise, a servir de eliminatória para o campeonato mundial de «médi-dios».

* Royer-Crécy, um jovem que promete ascender a elevada posição no ringue profissional, despachou em Chateau-Thierry, por lançamento da esponja ao 7.º assalto, o belga Hemmant, substituído da última hora do italiano Marini, impossibilitado de comparecer.

PING-PONG

A final do campeonato internacional de Inglaterra constituiu uma nova prova de superioridade actual do campeão do Mundo, Bergmann, que derrotou no encontro decisivo o francês Haguenauer, por 21/6, 13/21, 21/13, 21/18. O vencedor portou-se à altura do seu renome, tendo eliminado, na semi-final, o inglês Kriess, por 3 partidas a zero.

TÉNIS

A final dos campeonatos internacionais do Egipto, disputados em Cairo, terminou pela vitória do checo Drobny sobre o alemão Von Cramm, pelo score de 8/6, 6/2, 6/2.

O par Alexander Quist-Philippe Wasber venceu Pedro Masip-H. Weiss, por 2/6, 6/4, 4/6, 6/3, 6/1, conquistando o título de *doubles*.

Masip foi obrigado a desistir ante Von Gramm por falta de saúde. Miss G. Moran triunfou na prova de pares-femininos, de sociedade com a Sr.ª Todd, derrotando Mrs. Weiss e Miss Scofield, por 6/1 e 6/2.

* Anunciou-se, oficialmente, que Jean Borotra, veterano tenista francês, participará no Campeonato dos E. U. em pista de madeira na presente temporada. Borotra foi detentor do título quatro vezes, mas, este ano, o favorito da competição é Bill Talbert, campeão em 1948.

* Os campeonatos da Hungria (pista coberta) foram ganhos pelo excelente Asboth que derrotou Katona, com a dificuldade que o resultado deixa prever: 8/6, 6/4, 2/6, 8/6.

ESGRIMA

O despique entre esgrimistas franceses e italianos para a conquista da Taça Molié, efectuado em Génova, decepcionou os primeiros.

A equipa italiana, composta dos irmãos Mangiarotti, Pavesi, Angléio e Marini, alcançou 21 vitórias a 15 da equipa adversária, constituída por Simon, Pécheux, Guérin, Huet, Tournon e Bougnol.

Dário Mangiarotti foi o melhor, seguido de Bougnol.

ATLÉTISMO

Disputou-se em Aylesbury, perto de Londres, a clássica corrida de cortamato, «National» que todos os anos reúne milhares de inscrições individuais e para cima de uma centena de clubes. Agora, concorreu 2.311 fundistas, e 131 colectividões, saindo vitorioso o favorito, Dr. Frank Aaron, percorrendo as 10 milhas do trajecto (16,090 km.) em 50 m. 32 seg.

Nas posições imediatas classificaram-se, ordenadamente H. Olney, R. Gosney e H. Hicks.

A equipa de Inglaterra, que se apresentará no popular Cross das 5 Nações, conta com Aaron, Olney, Gosney e Hicks, partindo desde já favorita.

* Sebastian Junquera, aplicado barreirista catalão melhorou o recorde de Espanha de 400 metros (barreiras) no tempo de 56,7 seg.

NOTA DA SEMANA

O rugby, como o futebol, têm o seu dia de finados. A tragédia de Llandown, idêntica à de Superga, culminando uma viagem pelo ar de tantos desportistas gauleses em regresso de Dublin, enlutou numerosas famílias, pondo um acorde fúnebre nos cânticos vitoriosos dos entusiastas do balão ovoide.

A aviação e o rugby britânicos dificilmente escondem a crueldade do golpe, que um inquérito minucioso ainda não explicou nem, depois de explicado, poderá suavizar os efeitos. O facto da negra fatalidade, amando o braço pífido, se abater contra os desportistas põe em equívoco o problema dos transportes por via aérea, a sua rapidez e comodidade, ludo a ludo com o risco e a segurança dos passageiros.

O necrológico desportivo revela números aultados, nestas andanças trágicas de deslocação pelo ar. Não citando Cerdan e o Pico Redondo, lembraremos o desastre que vitimou os hoquistas checo-eslovacos, como o dos desventurados do Torino, a par dos acidentes de Ives du Manoir, Geo André, etc.

Talvez, por essa impressionante relação, venha a produzir-se um golpe teatral: a Itália deixar de apresentar-se no Rio de Janeiro, para participar no Campeonato do Mundo.

Deram, as agências informativas, suficiente relevo à negativa dos futebolistas italianos em viajar de avião. E, como a demora no transporte por via marítima não consente o prazo indispensável para seleccionar e treinar os componentes da famosa «esquadra azul», o dilema actual, que se apresenta aos seleccionadores da Itália, parece insolúvel. Tal como Hamlet, ir ou não ir, eis o problema.

O torneio da Taça Julio Rimet padece de sucessivos obstáculos. Quando os factores da equação parecem determinados surge outro óbice a complicar o êxito.

Os italianos têm obrigações morais que os obrigam a estar presentes no Rio de Janeiro. Um desses factores é a sua qualidade de titulares pelo que auguramos a ida da turma transalpina, embora relutantemente, rodeada de quantas precauções for possível numa viagem de risco averiguado.

Não é fenómeno frequente que irmãos de sangue se distingam no mesmo desporte. De momento, recordamo-nos de Ritchie e Pinky Mitchell, jogadores de boxe; dos esgrimistas italianos Aldo e Nedo Nadi; dos Mourlon, René e André, velocistas pedestres; dos futebolistas Alberto e Artur Augusto, dos irmãos Rio, embora nem todos hajam crescido e alcançado os mesmos pontos da escola de mérito.

O fenómeno, se tanto se poderá chamar aos acontecimentos pouco banais, mostra-se actualmente em luminosa projecção nas pessoas de Dário, Eduardo e Mário Mangiarotti, a nata dos espadachins transalpinos, cujas proezas na prancha se equivalem, dando à bandeira do seu país consecutivos triunfos.

Dário Mangiarotti, campeão do Mundo de espada, vencedor nos Jogos Olímpicos de Londres, triunfou agora em Génova, levando a sua equipa à conquista da Taça Molié, em detrimento das mais finas lâminas francesas; Eduardo Mangiarotti, detentor do título de campeão de Itália, secundou-o excelentemente e o jovem Mário não só colaborou de maneira efectiva, derrotando René Bougnol, um dos melhores representantes cisalpinos, como se comportou de modo exemplar nos seus assaltos, ilustrando o apelido da família.

Caso devesas invulgar, este que acabamos de pôr em relevo. O estímulo, provocado pelo primogénito, arrastando o resto da fraternidade, não isenta a circunstância do conjunto possuir facultades raras de aplicação, além de dotes naturais para a prática do belo desporte das armas.

Não é bom confiar em milagres — aforismo de veterana idade, amplamente confirmado durante o recente desafio França-Espanha, de andebol.

Embora superiores, perderam os nossos vizinhos várias oportunidades de materializar essa supremacia, acabando por empatar o resultado, com grande desespero de Carlos Piernavieja, capitão do elenco espanhol e lágrimas abundantes dos seus subordinados, em maré de infelicidade arrelhiadora.

Ouvido pelos próceres do jornalismo de Além-Pirinéus, o desolado colega — igualmente oficial do ofício referido — lamentou os insucessos da jornada sublinhando o cúmulo: Nada menos que o falhanço de Miracles, ao apontar uma grande penalidade, ele que de há três meses a esta parte não errara uma só!

Miracles, o hercúleo, justificou o apelido — pensaram os jornalistas franceses, associando o significado da palavra ao acontecimento. Sim, porque à miraculosa misericórdia dos deuses, se ficou devendo o insucesso do infalível Miracles.

O contrário, pensam os espanhóis.

RAFAEL BARRADAS

na capital do NORTE

Curiosidades... Dois comentários...

A equipa de juniores do F. C. Porto não vale muito, — isso é verdade. Porém, parece-nos que não merecia aquelas palavras péssimas do nosso camarada do «Jornal de Notícias», ao apreciar as suas vitórias de 4-0 e 3-0 contra o Paredes. Uma equipa que vence 2 jogos por 7-0, que diabo! — é alguma coisa superior...

* Tem-se feito tanto barulho à volta de um jogador de juniores do F. C. Porto, que não faltará quem na equipa de honra de mesmo clube possa dizer qualquer dia ao categorizado Augusto Silva: — «Mestre: o seu valor de «internacional» e de olímpico não vale mesmo nada! Substitua-me pelo rapaz de Amarante, e não se fala mais nisso...»

* Foram dois ciclistas do F. C. do Porto de passeio até à Covilhã: — Amândio Cardoso e Joaquim Costa. Assistiram a uma derrota em futebol mas fizeram um belo treino. A notícia de um jornal diário sobre a ida de Fernando Moreira de Sá, Luciano Moreira de Sá e Joaquim Sá, não corresponde à verdade.

* Também não correspondeu à verdade, evidentemente, a notícia que um diário publicou sobre a inclusão de Diamantino, do Sporting de Braga, no S. L. Benfica. O Diamantino era outro... e nem podia deixar de ser. Como queria o autor da notícia que fosse, tendo o de Braga jogado oficialmente esta época?

* Dizem-nos que Manuel Monteiro está ausente do Porto. Por isso os árbitros continuam a ser mais para os clubes do Porto, mormente para o clube campeão...

* No campeonato nacional da III Divisão não tem o Porto qualquer representante. O popular Salgueiros não conseguiu eliminar o grupo de Correia Dias.

* Continuam as delícias entre Augusto Silva e a direcção do F. C. Porto. Até esta data, porém, nada de positivo...

* Consta-nos que foi já aprovada a nova direcção do F. C. Porto. Aguarda-se que o jornal oficial dê agora o assunto como resolvido definitivamente.

* O Boavista saltou o último obstáculo, ganhando em Viana do Castelo ao Vianense. Este resultado coloca a equipa do Bessa num lugar que por certo será lisonjeiro, no apuramento final desta fase. O Porto precisa bem de mais um grupo no campeonato maior. E o Boavista, pela sua comprovada categoria, será com certeza companheiro ideal do grupo titular.

1 — *O órgão do primeiro clube do Porto «tira-se à arbitragem de Abel Ferreira, no encontro Covilhã-Porto, como S. Tiago aos Moiros. Não vimos o encontro, mas ao ouvirmos Augusto Silva, um elemento honestissimo nas suas apreciações, chegamos de facto a uma conclusão algo aborrecida.*

No entanto, parece-nos que não merece Abel Ferreira as referências tão desprimorosas do jornal «O Porto». Abel Ferreira pode ter arbitrado mal, pode não ter simpatia alguma pelo clube portuense, mas o caso deve ser visto em profundidade e não isoladamente.

Afirmar, no fim de um desafio, que o Porto marcou um gol regular — injustamente negado; que o Covilhã marcou dois tentos em nítida deslocação — é pouco. Ou antes: «é o costume, quando surge uma derrota»

Salvo melhor opinião, portanto, cumpre ao clube lesado, neste caso ao F. C. do Porto, bater-se por uma causa de modo bem diferente. O clube tem as suas responsabilidades, a sua forte corte de admiradores, os seus respeitáveis direitos, e por certo o devem ouvir nas esferas oficiais. E será com verdades, verdades amargas e honestas, que o F. C. Porto obrigará os dirigentes a ter cuidado, a escolher quem dê garantias de imparcialidade absoluta.

Repetimos que o caso Abel Ferreira, apontado no jornal do F. C. Porto, não nos interessa tanto como o caso arbitragem dos futebol. Acreditamos sinceramente nas afirmações produzidas, tanto mais que Augusto Silva as confirmou, ficando de fiador perante nós, mas parece-nos que o assunto foge do âmbito individual para se ir espetar directamente no sector directivo. E aqui, junto da Comissão Central, junto da Federação, junto dos altos poderes do desporto, que o assunto terá de ser julgado.

Dizer mal de um árbitro — é prégao no deserto. Esse papel, vá lá com os diabos, cumpre ao apreciador simples do jogo. Coisa vulgaríssima, coisa costumeada quando se perde. O que se torna preciso, urgente, é estabelecer uma campanha segura, enérgica e bem fundamentada, semana a semana ou dia a dia, e sempre orientada pelo desejo de corrigir os deslizes que maltratam clubes — sejam do Minho ou do Algarve.

Mãos à obra, portanto. Salte para o público a análise a problema tão grave, e deixemo-nos de carpir mágoas com mais uma arbitragem prejudicial. Chame-se a atenção, de uma vez para

Os clubes e a Associação de Futebol do Porto

Já tivemos o cuidado de afirmar que temos por todos os elementos conhecidos e desconhecidos com assento nas cadeiras da A. F. Porto a melhor consideração e respeito. Contamos lá amigos, daqueles a quem sabe bem apertar a mão. Mas há um caso regulamentar... Dele não queremos fugir, porque doutrina é doutrina. Verdade é verdade, e se dela quiserem afastar-nos os desportistas, mau e sinuoso caminho podem trilhar as coisas ligadas à ordem e prestígio dos organismos.

Temos tratado desta eleição em pequenas doses. Chegaremos à conclusão final, e tanto se nos importa que a gerência fique ou não fique. Dela não esperamos nada, como não esperávamos da outra, mas salve-se o princípio que obriga a cumprir leis e regulamentos.

E como já publicamos a lista derrotada, aqui vai ficar também a que foi eleita:

ASSEMBLEIA GERAL: Presidente, Dr. Fernando Jorge Azevedo Moreira (Vilanovense F. C.); Vice-presidente, Augusto Jacques de Sousa (F. C. Porto); 1.º secretário, Edgardo de Sousa Mendes (Cuf.); e 2.º secretário, José Feliciano Simões Couceiro (Progresso).

DIRECÇÃO: Efectivos — Presidente, Dr. José Sá (F. C. Porto); Vice-Presidente, Manuel Mendes Ferreira dos Santos (Candal); 1.º secretário, José Ferreira de Oliveira (Boavista); 2.º secretário, capitão Joaquim Pinto (F. C. de Gaia); tesoureiro, Marcelino Magno dos Santos Silva Ferreira (Infesta); vogal, Arnaldo Augusto de Passos Sousa Neves (Rio Tinto); e vogal, Fortunato de Castro Santos (C. F. Valdeares). Substitutos — Presidente, Dr. Luís Duarte Rodrigues (Académico); Vice-Presidente, António Gomes Ferreira (Legs); 1.º secretário, Dr. Américo Fernandes Cardoso (Pedrouços); 2.º secretário, Arnaldo da Silva Soares (Candal); tesoureiro, José de Oliveira Barbosa Junior (C. F. de Perosinho); vogal, José Soares da Silva Mamede (Oliveira do Douro); e vogal, Nelson de Castro Morais (C. F. de Serzedo).

CONSELHO TÉCNICO: Efectivos — Presidente, Alvaro Costa (F. C. Porto); Secretário, António Dias Mesquita Junior (Pedrouços A. C.); e Relator, José de Almeida (S. C. da Cruz). Substitutos — Presidente, Gentil Pinheiro Machado (C. D. das Aves); Secretário, Fernando Lopes dos Santos Girão (Fanserense); e Relator, Manuel Henriques Mendes Moreira (Alma Portuense).

CONSELHO FISCAL E JURISDICCIONAL: Efectivos — Presidente, Dr. Paulo de Oliveira (Boavista); Vice-Presidente, João César Nunes (F. C. Porto); secretário, Dr. Jaime Ferreira (Candal); vogal, Dr. Armindo Maio dos Santos Graça (Vazirim); e vogal, Dr. Joaquim Alves das Neves (S. Pedro da Cova). Substitutos — Presidente, José Faixa Casanha (Académico); Vice-Presidente, Albano Araújo (F. C. Porto); secretário, Eduardo Lopes dos Santos (Vilanovense); vogal, Florimundo José dos Santos (Ramaldense); e vogal, Augusto Hermínio da Costa Oliveira (Amarante F. C.).

À primeira vista, pode julgar-se que o F. C. do Porto, único da I Divisão, está representado. Mas não está — por motivos que já denunciamos. E isso é contra os estatutos, como apreciamos no último número, lendo a parte que ao caso diz respeito. O Salgueiros, dos mais populares clubes do Porto, do Norte, também não aparece. Nem o Leixões — que ambos estiveram na oposição, regulamentariamente.

Repetimos: interessa-nos pouco que a actual gerência da A. F. Porto ocupe ou não os seus lugares. O que não pode, com certeza, é afirmar que ficou lá por direito legal. Posto isto, desejamos-lhe uma boa época. Ser dirigente — pelo menos ao que se diz — só dá trabalhos e cansaças; mas se o trabalho provoca prazer aos relectos, também nós sentimos algum contentamento ao verificar que ainda há quem não tenha medo algum disso...

E ponto final.

RODRIGUES TELES

2 sempre, dos gerentes da classe, pedindo se tanto fôr preciso a substituição dos cuidados, dos elementos que não querem reconhecer os direitos alheios. Os processos de ataque são muitos e variados. Há muitos caminhos a percorrer. Logo — resolva-se o problema na raiz e antes de surgir outro mal — ou outro árbitro pior...

2 Aos desportistas da Província será também obrigatório assistir em Lisboa a 3 jogos «internacionais»? Assim parece, pois não vimos revogada a decisão que estabelece a obrigatoriedade na compra de 3 bilhetes quem quiser assistir ao Portugal-Espanha.

Achamos o despacho federativo bastante duro para os desportistas que vivem longe de Lisboa. Em nome deles falamos, visto que alguns nos procuram alarmados pela obrigação de umas deslocações que não podem fazer a Lisboa. É preciso reconsiderar, de facto, pois nos tempos correntes não pode exigir-se que um desportista provinciano arrume as suas finan-

ças de modo a estar sempre presente nos jogos do Estádio Nacional.

Sabemos de muitos, por exemplo, que se não deslocam para Lisboa no dia 9 de Abril por ser dia de Páscoa. Não assistem, neste caso, ao Portugal-Espanha. Mas procuram regular a sua vida, a fim de comparecerem no Portugal-Inglatera. Porquê a obrigação de comprarem um bilhete para o Portugal-Espanha?

Se a medida serve para simplificar a venda de bilhetes para os jogos internacionais, seria justo que os elementos afastados da capital tivessem por si outra defesa. Há amigos da bola que não podem aventurar-se a despesas de vulto, e seria bom que a gerência federativa tivesse em melhor conta os seus interesses. Não se pensando assim — afastam-se os adeptos, já hoje mal tratados por não assistirem a outras manifestações de categoria. A final da «Taça» por exemplo...

O assunto merece estudo e algumas considerações por parte de quem de direito.

PORTO vence BRAGA por 4-0



VIEIRA DA COSTA

Árbitro Internacional regressou de Guatemala e vai ao Brasil

VIEIRA DA COSTA, o conhecido árbitro portuense de futebol, regressou no domingo da Guatemala onde dirigiu, revelando a sua grande competência, seis partidas.

Em Junho próximo, Vieira da Costa seguirá para o Brasil, pois, é um dos quinze juizes de campo designados pela F. I. F. A. para dirigirem o Campeonato do Mundo que ali se disputa. Eis um árbitro que honra o País.



1 — José Maria, interior habilidoso, marca sem apelo nem agravo a 3.ª bola a favor dos portuenses. 2 — Cesário segura com decisão um remate de Monteiro da Costa. 3 — O guarda-redes de Braga mergulha e desvia para canto um remate muito bem colocado

Pedestrianismo

Prova de 30 quilómetros



Em cima, o vencedor, Albino Silva, do Operário, em plena prova. Em baixo, os concorrentes à corrida de 30 quilómetros disputada com êxito no Porto



CICLISMO

A PROVA DE ABERTURA NO PORTO

Onofre Tavares, do Futebol Clube do Porto, bate ao sprint o seu belo camarada, o campeão Fernando Moreira. A equipa portuense estará em forma na altura em que se disputar a «Volta a Portugal», este ano organizada pelo Diário do Norte.